

Encontro com o contador de histórias: um processo de aprendizado mútuo

Kirsten Folke Harrits
Ditte Sharnberg*

IGUALDADE COMO UM PROCESSO DE APRENDIZADO

EM UM PAÍS CAPITALISTA como a Dinamarca, se procurarmos nossos trabalhadores para fazê-los contar a história de suas vidas, estaremos indagando sobre uma história desprezada e suprimida. Esta é a visão que está de acordo com a que têm os próprios trabalhadores. Desde seus dias de escola, passando pela maturidade e chegando ao presente, sua experiência tem demonstrado repetidas vezes que não são suas vidas e cultura quotidianas que servem de base para a pesquisa social, para o ensino da história, para a literatura, ou para a percepção que a mídia tem de sua arte e cultura. Em colaboração com diversos sindicatos fizemos reuniões de trabalhadores para que pudessem contar suas memórias uns aos outros (Harrits, Sharnberg, 1992, p. 113-23). Este é um tipo de trabalho intelectual que não pode ser considerado corriqueiro hoje em dia. Estamos lidando com uma tradição narrativa ameaçada de extinção. Já em 1936, Walter Benjamin escreve:

“Ainda que seu nome nos seja familiar, o contador de histórias da vizinhança não é, de modo algum, uma força presente. Tornou-se já distante e fica cada vez mais remoto. (...) É como se algo que nos parecesse inalienável, a mais segura de nossas posses, houvesse sido tirada de nós: a capacidade de trocar experiências”. (Benjamin, 1969, p. 83).

Contudo, uma vez que fazer perguntas e contar histórias são coisas que ocorrem em uma sociedade hierárquica, a igualdade não pode ser simplesmente presumida.

* Arquivo Astedet, Biblioteca Viby, Viby, Dinamarca

“Enquanto a hierarquia desigual de poder na sociedade criar barreiras entre os pesquisadores e o conhecimento que procuram, o poder será uma questão central, explícita ou implicitamente levantada em cada encontro entre pesquisador e informante. Lidar abertamente com o poder torna uma entrevista de campo um experimento em igualdade” (Portelli, 1991, p. 32).

Explicaremos a seguir como fomos confrontados com este problema. Em 1982-83 tivemos nossa primeira experiência com trabalho de campo em nosso próprio país. Nessa época, víamo-nos como pesquisadores que tinham de interrogar o trabalhador. O papel do informante era o de fonte oral da história desprezada dos trabalhadores e do aspecto desprezado da História do Trabalho: a vida cotidiana. Para alcançarmos uma compreensão mais elevada foi preciso a sorte de encontrar um contador de histórias como Alfred Kristensen, um trabalhador não qualificado, aposentado, com 87 anos de idade. Ali estávamos, sentados em sua sala. A entrevista começa e se desenvolve apaticamente. Nos poucos minutos iniciais fazemos já dezesseis perguntas, que Alfred Kristensen obedientemente responde com uma única frase, ou pouco mais.

A gravação feita revela uma espécie de silêncio indeterminado depois de cada resposta, mas os entrevistadores haviam trazido sua “rede de segurança” e vão em frente, agarrados a seu questionário pré-fabricado. Não se dão tempo de ouvir – talvez notem alguma hesitação, mas não tomam, realmente, consciência dela; não refletem sobre ela, nem permitem uma maior atenção ao que ali está sendo suprimido. Após a pergunta número 16, Alfred Kristensen interrompe a entrevista, recusando-se, assim, a tomar parte na interpretação predeterminada da situação, e assume uma posição reflexiva diante dela: o descompasso entre as perguntas e o que vai em sua mente está ficando grande demais. Diz: “mas não é aí que queria começar” (Kristensen, p. 2).

Aquí, nosso entendimento e a maneira abrupta como encaminhávamos nossas perguntas entrou em choque com o mundo do contador de histórias. Chegamos ao impasse quando lhe perguntamos se em criança tivera muitas tarefas a cumprir em casa e ele respondeu: “Não, na verdade não. Exceto as artes. Eu era bem arteiro” (Ibid.). Pedimos que nos falasse sobre essas artes. “Está bem, posso falar disso, mas não é aí que queria começar”. Queria começar falando-nos sobre as situações em que o medo havia entrado em sua vida: o medo de camundongos, das vassouras de limpar chaminés que os adultos usavam como espantalhos e o medo da morte, o medo de que seu pai morresse. Descreveu então o que se passara em sua casa durante a terrível tempestade de 1902 enquanto, sentados, esperavam a volta do pai. Ele e seu companheiro haviam sido os últimos a voltar do mar. Neste ponto Alfred Kristensen acrescenta: “e aí tudo ficou bem naquela ocasião particular” (Idem, p. 4).

Ele queria nos contar sua história com a morte em mente, perspectiva com raízes em sua infância e na pobreza da família, e particularmente ligada a seu pai. Alfred Kristensen via toda a sua vida na perspectiva da infância. Quando perguntamos onde vivia, respondeu que haviam-se mudado várias vezes, à medida que se deslocavam para onde seu pai pudesse obter um emprego: “e assim foi, assim foi minha vida inteira” (Kristensen, p. 2). A tristeza contida nesta frase só veio a ser expressa diretamente quando, terminadas todas as entrevistas, levamos cópias das fitas para ele e as ouvimos juntos. Muito emocionado, Alfred Kristensen disse: “Assim foi. Esta é a verdade”. Com lágrimas nos olhos todos os três confirmamos que isto era verdade. Hoje percebemos que nos dizia isso com sua própria morte em mente.

Procuráramos o informante e havíamos encontrado o contador de histórias. Este sabe o que é importante dizer, faz um plano, seleciona o que quer contar e assim nos torna conscientes de que precisamos revisar a imagem que temos de nós mesmos como entrevistadores que orientam e interrogam. O caminho da igualdade, nesta situação particular e no que nos diz respeito, passa pelo questionamento atento, o que não equivale a dizer que não devemos também ter um plano, mas sim que não devemos jamais permitir que nosso plano tenha um papel predominante. Em pé de igualdade com o contador de histórias, os entrevistadores podem contribuir para revelar a história desprezada – até aquela ignorada e suprimida na história de vida do próprio contador de histórias.

Podemos nos deparar, por exemplo, com um trabalhador urbano qualificado que cresceu na pobreza, em uma área rural, e que aprendeu a calar-se sobre sua infância porque os trabalhadores urbanos qualificados desprezam a gente do campo. Podemos colocar as perguntas de tal maneira que ele entenda que estamos do lado dos trabalhadores rurais, contribuindo assim para libertar esta parte de sua história de vida do reino do silêncio. Para que este processo tenha sucesso, temos de deixar de lado o, assim chamado, “papel objetivo” e tomar partido, de modo que o contador de histórias saiba que não compartilhamos os preconceitos dos trabalhadores urbanos qualificados contra os trabalhadores rurais. Nossa experiência confirma a de Allesandro Portelli quando ele enfatiza: “a história oral jamais poderá ser contada sem que se tome partido, uma vez que o “partido” existe dentro do contar” (Portelli, 1991, p. 57-8).

○ ENCONTRO COM O CONTADOR DE HISTÓRIAS COMO UM PROCESSO DE APRENDIZADO

O contador de histórias de Walter Benjamin pode ser descrito como o narrador clássico, que vive onde é executado um ofício, em coordenação entre “alma, olho e

mão” (Benjamin 1969, p. 108), que remonta a um tempo tão antigo na história quanto a era do mito. Mas até onde irá, no futuro? No que concerne a Benjamin, a figura do contador de histórias está se esvaecendo no ritmo da gradual extinção dos ofícios e do trabalho “por conta própria”. Ele não questiona se o trabalho assalariado pode dar ao contador de histórias uma nova imagem em que a antiga possa ser inserida. De nossa parte, encontramos o contador de histórias assalariado em uma figura que descreveríamos como um contador de histórias reflexivo.

Como descobrir o contador de histórias reflexivo? Nós o encontramos sem reconhecê-lo de início, como aconteceu com Alfred Kristensen. Apenas depois de entendermos *O Contador de Histórias* de Walter Benjamin pudemos discernir a figura do contador de histórias no trabalhador rural, no marinho, no maquinista, no social-democrata e no comunista – “assim como, em uma pedra, uma cabeça humana ou um corpo de animal podem surgir aos olhos de um observador a uma distância e ângulo de visão apropriados” (Idem, p. 83).

* * *

Em 1982, como entrevistadores e pesquisadores, encontramos Henry Mogensen, maquinista aposentado e comunista, com 69 anos de idade. Acreditamos firmemente que nos cabe questionar, refletir e analisar. Mas com Henry Mogensen aprendemos que o trabalhador contador de histórias certamente pode dar conta dessas funções. Deste modo, a área de igualdade e cooperação se expande, apesar da divisão social do trabalho. A seguir pode-se ver um exemplo, em que Henry Mogensen está nos falando, em 1982, sobre o desemprego nos anos trinta:

Eu tinha trabalhado um pouco menos de seis meses até completar meu aprendizado. Um dia, quando estava desempregado já há alguns meses, vinha andando pela Fredensgade – era verão, maio ou começo de junho. E aí, de repente, me veio essa sensação de que tudo estava uma maravilha. Me senti muito bem, tinha um sensação de bem estar – uma grande experiência, na verdade. Comecei a meditar sobre aquilo – por quê eu nunca havia me sentido tão bem? Notei que tinha uma enorme vitalidade – eu queria fazer tudo, simplesmente. Parecia que podia dar conta do futuro, ainda que não soubesse como. Não tinha, realmente, nenhuma preocupação. Senti-me inteiramente bem, como jamais me sentira antes.

Mais tarde percebi, é claro, que durante toda a minha infância e meus anos como aprendiz estivera fisicamente sobrecarregado e nunca havia tido tempo para recuperar meu fôlego – nem nos domingos, quando não tinha de trabalhar, nem nos raros feriados. Sentir-me fisicamente por cima da situação, acho, tinha a ver com o fato de que não estava fazendo nada já há alguns meses – eu

havia sido então capaz de me pôr em dia comigo mesmo. Era realmente – bem, não sou muito bom em descrever este tipo de coisas – mas era sentir-se a si mesmo, o próprio corpo, a própria visão da vida – tudo que é difícil descrever. Mas acho que pode ser descrito como alguém que está fazendo algo que não precisa fazer, mas que quer fazer, e que se pega assobiando ou cantarolando para si mesmo. Mas este é apenas um pálido reflexo da sensação que tive: fora realmente maravilhosa.

E, no entanto, não havia muito que escrever para casa, pensando bem. A taxa de desemprego em meu ramo era cerca de 25%. Era mesmo. E já expliquei a vocês sobre o teste para recursos do auxílio desemprego e a “farta” assistência, como eles diziam. Todos os cavalos que não estão presos a arreios sabem como isto é maravilhoso. Mas o que se conseguia obter do Departamento de Seguridade Social, ou do Bem-estar, como era chamado então, não era tão maravilhoso, afinal.

Tive sorte, pode-se dizer, de não ter tido períodos de desemprego que ultrapassassem um ano – isto só mais tarde, na década de cinquenta. Mas muitos dos mais fracos não agüentaram e se arruinaram. Aprenderam a ser desempregados e enganar o sistema – tornaram-se alcoólatras, bebedores e todo tipo de coisas feias. Houve um bocado de perdas humanas nos anos trinta. Alguns foram postos de pé novamente, suponho, mas muitos deles, tão certo quanto a morte, não. Eventualmente as coisas melhoraram, é claro. O desemprego caiu gradualmente para 8-10%, e isto foi considerado um avanço importante [...] tenho consciência da importância da solidariedade, e tenho consciência da estrutura da sociedade, incluindo a estrutura econômica. Por isto sabia porque estava desempregado, e porque todos os outros estavam sem trabalho. Isto vale muito, porque se não se sabe os por quês e os objetivos – e tenho certeza de que isto é verdade hoje em dia – as pessoas pensam que elas é que são culpadas por estarem desempregadas [...] Era assim nos anos trinta e é assim, por todos os diabos, que acredito que seja hoje (Morgensen, p. 30-1).

Como se reconhece o contador de histórias reflexivo? Reflexão vem de *refletir*, isto é “projetar uma imagem”. Como é que este contador de histórias reflexivo se vê projetado em suas memórias? No que concerne a Henry Mogensen, isto se faz, parte em sua imagem da memória, parte em sua linha de raciocínio.

A imagem da memória ocorre ao contador de histórias, que a deixa fluir através dele. A imagem permanece inexplicada, de uma maneira que caracteriza o contador de histórias no sentido benjaminiano. Benjamin faz uma distinção entre informação e contar histórias, e vê nesta relação uma luta pela supremacia: “Hoje em dia, quase nada que acontece beneficia o contar histórias; quase tudo beneficia a informação. Na verdade, metade da arte de contar histórias consiste em manter uma história livre de explicações quando a reproduzimos” (Benjamin, 1969, p. 89).

Na imagem emerge uma visão da história que é distinta da do raciocínio. É comparável ao materialista histórico de Benjamin, que diz: “A imagem verdadeira do passado passa celeremente. É apenas como uma imagem reconhecível que se acende para jamais tornar a ser vista que o passado pode ser capturado” (Benjamin, 1991, p. 695). Na imagem, a história como continuidade é explodida. “o historicismo apresenta a imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico apresenta, com ela, uma experiência, que permanece separada” (Idem, p. 702).

Com relação à imagem da memória, Henry Mogensen, como o contador da história, é provavelmente a pessoa que mais irá refletir sobre sua experiência, porque é ele quem vai lhe dar forma. No momento em que a imagem é liberada, o contador de histórias se sente como um jovem no espaço e no tempo, de tal forma que anula-se a dicotomia, não apenas entre passado, presente e futuro, mas entre corpo e alma: “era sentir-se a si mesmo, o próprio corpo, a própria visão da vida – tudo” (Mogensen, p. 30). A descrição expressa o primeiro nível das reflexões sobre a questão: como era a experiência? O próximo nível está relacionado com a questão indireta de quais eram as causas daquela sensação. E, nesse sentido, o contador de histórias trabalha sua própria história de vida como um historiador: “mais tarde, é claro, percebi” (Ibid). Assim, a reflexão pode vincular-se a uma perspectiva de história de vida e desta maneira estar ligada à experiência. A imagem é a matéria substantiva do narrador reflexivo.

Através do raciocínio, a reflexão pode afastar-se da perspectiva de história de vida e assumir uma perspectiva social e de classe. Henry Mogensen deve ter-se perguntado “Quais eram as condições gerais? Imagine como minha vida teria sido se eu tivesse passado pelo que outros passaram.” Isto, através de sua linha de raciocínio, leva-o a explicar as taxas de desemprego, o valor do auxílio desemprego, e as condições daqueles contemporâneos seus que se arruinaram.

Ao raciocinar, o contador de histórias se assenhoreia da substância da memória. Ele interpreta sua própria experiência em relação a complexos de problemas do presente ou de antes do presente. Ao fazê-lo, expande o âmbito da narrativa de tal modo que ela não cobre mais apenas sua própria vida, mas abarca sociedade e classe. Expõe assim uma prática intelectual que – embora seja uma ocorrência rara – lança, de fato, uma luz crítica sobre as idéias de Daniel Bertaux, que parecem indicar que o trabalho analítico é reserva exclusiva dos intelectuais. Daniel Bertaux diz o seguinte sobre os entrevistados:

Cada indivíduo tem apenas um campo limitado de percepção [...]. As pessoas aprendem através da *prática*, e raramente sua prática as coloca em contato com uma grande variedade de áreas sociais. É nossa tarefa, como intelectuais, juntar esses pedaços de conhecimento que podem ser encontrados por toda parte [...]

e fazer um retrato do todo e de seus movimentos. Este é o verdadeiro sentido do passo chamado análise (Bertaux 1981, p. 40).

Tendo encontrado o contador de histórias reflexivo, temos de concluir que precisamos adotar, não apenas uma postura de questionamento atento, mas também a de atenção questionadora diante do contador de histórias e de nós mesmos. Em um movimento dual entre reflexão e auto-reflexão, precisamos procurar ficar em pé de igualdade com o contador de histórias. Ser analítico e, neste sentido, ser intelectual, não é privilégio exclusivo de um grupo social. Aprendemos, como tantos antes de nós, que em suas fileiras os trabalhadores têm seus próprios “intelectuais orgânicos” autodidatas (Gramsci 1991, p. 228).

○ CONTAR HISTÓRIAS COMO PROCESSO DE APRENDIZADO

Ronald J. Grele destaca a história oral como método acadêmico devido ao seu considerável uso de trabalho empírico de campo:

“isto significa que não apenas podemos sempre voltar a nossas fontes e pedir-lhes que nos digam mais, como podemos, também, examinar as visões históricas com muito mais detalhe e em condições radicalmente modificadas” (Grele, 1980, p. 155).

Em outras palavras, é possível procurar a mesma pessoa repetidas vezes se ainda houver algo a perguntar-lhe. É assim que será se a pessoa em questão for olhada como uma “fonte”. Mas este tipo de categorização pode ser facilmente contestado quando o contador de histórias que existe no trabalhador tem uma oportunidade de falar. Assim, em videoteipe gravado em 1988, Henry Mogensen se apresenta no papel de contador de histórias reflexivo ao terminar a descrição de seu aprendizado como maquinista:

Agora que não trabalho mais, não posso simplesmente cruzar os braços de repente e ficar sem fazer nada, porque meio que acho que o que está acontecendo me diz respeito; e é claro que diz. Que eu me envolvo com as coisas ... bem, é claro que me toma mais tempo, e tudo mais, mas há sempre alguma coisa que a gente consegue fazer. Vou continuar assim até que minha capacidade mental me abandone e que não possa mais respirar (Mogensen, 1988, p. 7).

Com base nesta conclusão, um ouvinte irá compreender que, para o contador de histórias, reflexão e auto-reflexão são um trabalho permanente, cujo ponto final é a morte.

Se compararmos o modo como Henry Mogensen formula suas memórias, em 1982, com a escolha das palavras em 1988, no videoteipe, poderemos perceber que

andou elaborando a forma. Em sua narrativa, o trabalho da memória revela-se em uma série de imagens condensadas, parecidas com provérbios, estabelecendo uma ligação entre ele e a maneira como se expressa o contador de histórias clássico descrito por Benjamin.

Quanto a nós, o envolvimento mantido com a história de Henry Mogensen reflete-se no fato de que voltamos a ele por querer que outros conheçam este contador de histórias – não pessoalmente, mas por meio de vários tipos de mídia, como um livro, um videoteipe e uma transmissão radiofônica. Em 1992 voltamos a Henry Mogensen como a “fonte viva” mencionada por Grele. Porque queríamos descobrir como um trabalhador comunista vê o colapso na Europa central e do leste, e a dissolução da União Soviética, e saber qual o impacto dessas condições alteradas sobre sua percepção de si mesmo como comunista. Aprendemos que ao trazeremos nosso próprio interesse de compreensão ao sindicalista ativo e trabalhador politicamente ativo, não levamos em consideração a possibilidade de que o próprio contador de histórias pudesse ter desenvolvido uma maneira diferente de centrar *sem próprio* interesse de compreensão.

Há alguns fatores que parecem ser de importância mais genérica em termos de mudança geral de política no mundo, como os problemas relativos à proteção do meio ambiente. Ele vê a vida neste planeta ameaçada pela desenfreada exploração humana e abraça a causa da natureza, arrasada e muda, em oposição à fé no progresso que orienta a crescente exploração da natureza pelo homem – natureza externa, tanto quanto natureza humana. Ao mesmo tempo em que se preocupa com estes problemas, é importante para ele partilhar conosco suas observações em relação a obras de arte, e pensar e refletir sobre o que é belo na natureza e na arte.

Para este contador de histórias, seu agudo interesse em problemas ambientais implica uma crítica ao movimento sindical dinamarquês, porque este não parece ter entendido que estes problemas tornaram-se os mais importantes. Com relação às obras de arte que no passado costumavam encantá-lo com sua beleza, o distanciamento da reflexão leva-o a ter raiva, porque pode perceber que a beleza na arte não inclui o trabalhador; que, ao contrário, o trabalhador é excluído do mundo da arte. Em contraposição crítica, vê a beleza estética em um trabalhador cansado que gradualmente se ajusta à sua ferramenta de trabalho, em grau de perfeição cada vez maior.

Por meio de conversas nos anos seguintes, com Henry Mogensen à mesa da cozinha e o gravador entre nós, experimentamos a atividade do contador de histórias. Ele acrescenta camada sobre camada à sua história, à medida em que ele mesmo se move cada vez mais em direção ao passado. O contador de histórias trabalha pacientemente com a substância de sua matéria de um modo conhecido na natureza e que os seres humanos costumavam imitar. Benjamin apreende esta ligação de Paul Valéry, o poeta, que diz:

Miniaturas, entalhes em marfim, elaborados até o ponto de máxima perfeição; pedras perfeitamente polidas e esculpidas; laqueação ou pinturas em que uma série de finas camadas transparentes são aplicadas umas sobre as outras – todos esses produtos de trabalho artesanal e sacrificante estão desaparecendo, e já se vai o tempo em que o tempo não importava. O homem moderno não se dedica mais ao que não pode ser abreviado (Benjamin, 1969, p. 93).

Nas condições de trabalho assalariado, o contador de histórias reflexivo é um crítico de todas as formas de pressão de tempo, e na velhice é capaz de ignorar completamente o poder do tempo vazio e homogêneo. Mas, de seu próprio modo, o tempo qualitativo se apodera do corpo. Depois de um certo ponto, o tempo da narrativa se encurta, o contador de histórias se cansa. Dá-se conta da mudança gradual que o tempo infligiu ao corpo e aos sentidos. Os movimentos ficam cada vez mais restritos até que um dia, 5 de maio de 1997, após um passeio de carro pelo bosque, Henry Mogensen senta-se na escada e diz: “acabou; não posso levantar de novo”. Aprendemos assim que “a morte é o endosso de tudo que o contador de histórias pode contar” (Idem, 94).

UMA PERSPECTIVA

Se nos perguntarmos sobre a razão que leva o contador de histórias reflexivo a ampliar seu campo de visão de modo a incluir o homem e sua associação com a sociedade e a natureza, Benjamin pode fornecer material para reflexão em sua tese de 1940 *Über den Begriff der Geschichte*:

A luta de classes, que o historiador bem versado no marxismo sempre terá em mente, é uma luta pelas coisas toscas e materiais sem as quais não pode haver coisas refinadas ou espirituais. Apesar disso, estas últimas não podem ser vistas na luta de classe como uma espécie de despojo que passa ao vitorioso. Estão vivas e presentes nesta luta na forma de confiança, coragem, humor, astúcia e tenacidade e têm seu impacto no passado. Irão sempre questionar de novo toda vitória jamais alcançada pelos governantes (Benjamin, 1991, p. 694).

Em condições de trabalho assalariado o contador de histórias será sempre uma figura crítica que, em sua narrativa, questiona e lança dúvidas sobre o direito de governar do governante. Caso se dê a palavra a este tipo de contador de histórias, quais as exigências para o historiador oral que ouve, interroga e interpreta? De um lado, temos de nos livrar da categoria de “fonte” como uma expressão da narrativa de história oral. De outro, precisamos nos esforçar para realizar uma investigação sustentada sobre como podemos praticar a igualdade no ato de contar história.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter: “The Storyteller”. In: *Illuminations*, Nova Iorque 1969.
- _____. “Über den Begriff der Geschichte”. In *Gesammelte Schriften*, Vols. 1-2, Fankfurt am Main 1991.
- BERTAUX, Daniel: “From the Life-History Approach to the Transformation of Sociological Practice”. In *Biography and Society*, Beverly Hills, 1981.
- GRAMSCI, Antonio: *Faengselsnoetter I*, Copenhaguen, 1991.
- GRELE, Ronald J.: “Ziellose Bewegung Methodologische und thoretische Probleme der Oral History” in: ed. Lutz Niethammer: *Lebensführung und kollektives Gedächtnis. Die Praxis der ‘Oral History’* Frankfurt am Main, 1980.
- HARRITS, Kirsten Folke, SHARNBERG, Ditte: “Worker Education and Oral History in Denmark”: in: *Socialism and Democracy*, Vol. 8 No. 1, Nova Iorque, 1992.
- KRISTENSEN, Alfred: *Alfred Kristensen*. Transcrição literal de sua história de vida. Arquivo Astedet, Arhus, 1983.
- MOGENSEN, Henry: *Henry Mogensen*. Transcrição literal de sua história de vida. Arquivo Astedet, Arhus 1982-1996.
- _____. *Jeg hedder Henry Mogensen*, videoteipe, Arhus, 1988.
- PORTELLI, Allesandro: *The death of Luigi Trastulli and other stories. Form and Meaning in Oral History*, Nova Iorque, 1991.